



Coronavírus e sua completude

Coronavirus and its completeness

DOI: 10.56238/isevmjv2n1-004

Recebimento dos originais: 02/01/2023

Aceitação para publicação: 24/01/2023

Ana Júlia Silva Santos

Discente do curso de licenciatura em geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

E-mail: anajuliasilvasatos967410@gmail.com

RESUMO

Diante dos impactos desencadeados por uma das maiores pandemias da história da humanidade, viu-se necessário a abordagem desse fato para que seja sabido o que muitas vezes não é mostrado em televisões e internet. Tais informações camufladas correspondem desde a verdadeira origem do vírus até as sequelas do mesmo. O avanço da ciência em países “desenvolvidos” e a ausência desta em países “subdesenvolvidos”, escancaram a desigualdade atual em todo o mundo, ao mesmo tempo que os efeitos da globalização são sentidos por todos, mesmo que de forma maléfica. O negacionismo da ciência como empecilho para combater o vírus além de responsável por assustadores números de mortes, também são analisados no presente artigo com o intuito de alertar o quão perigoso e maléfico é a negação da verdade. O processo de confinamento- já assustador pelo nome- fez surgir empregos que antes não existiam além de estabelecer uma nova forma de vida; o mesmo fez pessoas desenvolverem problemas de saúde físicos e mentais em decorrência da vivência em uma nova prisão. As discussões entre as pessoas a respeito do jeito certo de se prevenir desencadeando em términos de amizades também são presentes no artigo como forma de escancarar o quão frágil estão as relações. Além de mostrar os números assustadores de mortes por todo o mundo, tendo o Brasil na triste posição de segundo lugar. Sendo este, o novo cenário mundial, promovendo insegurança e incertezas a respeito do futuro.

Palavras-chave: Ciência, globalização, vírus.

1 INTRODUÇÃO

A pandemia do novo coronavírus correspondeu a um movimento de acontecimentos sucessivos que impactaram a todos os seres vivos do planeta mesmo que de forma indireta. Promovida pela globalização que, segundo estudiosos, não possibilita seus benefícios a todos, mas no que se refere à transmissão de um vírus mortal, realiza muito bem seu papel. As mortes, as sequelas, os medos, as mudanças climáticas, todos esses fatores foram consequências de um vírus que ainda tem sua origem estudada.

A proliferação de doenças contagiosas sempre ocorreram pelo mundo, a exemplo se tem o surto de varíola que ocorreu no Egito Antigo, sendo responsável por parar a construção de boa parte da obras públicas do Antigo Império, a aglomeração de escravos e servos, contribuía para a

propagação do vírus; na Grécia Antiga, um surto de febre tifoide acometeu Atenas, ocasionando em uma crise sem precedentes; na Idade Média durante as cruzadas, os cristãos europeus foram expostos a uma pandemia de hanseníase (lepra), além da peste negra que consumiu cerca de 30% da Europa no século XIV; no Brasil colônia, as péssimas condições de trabalho e higiene facilitava a proliferação de doenças como a febre amarela, cólera e bexiga; a gripe espanhola em 1918 acarretou a maior pandemia da história até então, matando cerca de 50 milhões de pessoas no mundo.

Essas doenças, por mais impactantes e terríveis que foram, não se compara com a pandemia vivenciada no século XXI. Tal razão está no fato das relações entre os países atualmente estarem mais próxima, não no sentido harmônico, mas no de dependência, levando a uma só objetivo: o lucro, ao passo que

A perversidade sistêmica que está na raiz dessa evolução negativa da humanidade tem relação com a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas. Todas essas mazelas são direta ou indiretamente imputáveis ao presente processo de globalização (SANTOS, 2001, p. 20).

Os entrelaçamentos que o mundo globalizado construiu sobretudo no início deste século, promoveram a impossibilidade da não socialização direta entre as pessoas, sendo que a pandemia irá fazer isso. O confinamento irá distanciar pessoas e arruinar negócios. Crises nunca antes vistas por países irão aparecer com força. O vírus também irá demonstrar o quão a ciência possui críticos e negacionistas de seus saberes, ao passo que medidas preventivas com eficácia comprovada, ainda são alvo de críticas e contestações. Ainda que as muitas mortes demonstrem isso, muitos duvidam da veracidade do poder do vírus e promovem aglomerações e demais descumprimentos com a lei desencadeando transtornos sociais. Sendo estes apenas poucos exemplos dos feitos do coronavírus.

2 O ANTES DE UM INÍCIO SEM FIM

As nações mundiais desde a última década, vem enfrentando uma série de problemas em suas conjunturas políticas, econômicas e sociais devido acontecimentos que abalaram o mundo sendo estes interno e/ou externos. No caso do Brasil, que representa grande parte das exportações de produtos primários no mundo, sentiu sua hegemonia abalada com o escândalo de papelões achados em carnes de frigoríficos, desencadeando na operação carne fraca que afetou a exportação de tal produto para seus principais parceiros comerciais: China e Europa. Os Estados Unidos, que de forma não diferente, enfrenta instabilidades em seus mais amplos setores diante da ameaça de

perder o cargo de maior economia do mundo para a China, que de forma bastante acelerada, parece merecer esse título².

Com uma realidade também conturbada, o Oriente Médio que acompanhado por suas constantes instabilidades ideológicas, provocam trocas de poder do Estado alternando entre o governo e grupos extremistas, desencadeando na escassez de fornecimento de seu maior bem econômico e que todo o planeta faz uso: o petróleo. Já no continente europeu, os rumores de saída do Reino Unido da União Europeia, não deixa de produzir no planeta um olhar de alerta e que repercute nos mais diversos vieses da sociedade. Havendo também, vestígios do colonialismo e imperialismo sentidos sobretudo pelos africanos nas constantes guerras, apropriações, fome e escravidão que acometem o berço da humanidade, não deixando de afetar outros locais.

Tais acontecimentos só são possíveis de socializar-se devido a mundialização que ascende cada vez mais intensamente e se mostra na intensificação do trabalho, no avanço dos meios de transportes e comunicações. Mesmo que para isso ocorrer, uma série de injustiças, alienação e pobreza se forme na chamada produção do espaço. Na composição desse cenário cada vez mais articulado, atitudes não comprometidas com a saúde, bem-estar e direitos dos indivíduos vão levar ao desenvolvimento e propagação de uma doença denominada Covid-19 proveniente do vírus SARC-COV-2, ou coronavírus.

Foi no final de 2019 que a doença se tornou conhecida e fatal na cidade de Wuhan na China, país que anseia se desenvolver às custas do direito à vida. Entretanto, nesse período a doença ainda não havia se tornado uma pandemia, nem se quer uma endemia. Isto, só foi possível poucos meses depois graças às complexas e ao mesmo tempo facilitadas redes de interações mundiais. Ao passo que “Novas relações socioeconômicas foram necessárias em todas as partes do planeta aonde as transformações chegavam” (SANTANA, 2013, p. 23).

3 UM INÍCIO SEM FIM

O ano de 2020 matematicamente falando, se refere ao início de uma década, e, de acordo com estudiosos seria o início de uma vivência no mundo mais “desenvolvido”, provocada pelo deslançar da tecnologia em todos os ramos. Porém, a bonança não passou de expectativas, e, como resposta dessas relações, um vírus que aparentava e que todos desejam ser aparentemente chinês, tomou proporções globais e junto dele o desconhecimento do que se tratava aqueles sintomas aparentemente gripais e muitas vezes fatais. Após muitas especulações e pesquisas,

¹ Sendo válido ressaltar que uma potência econômica recebe esse título não por levar em consideração os anseios da sociedade, mas sim, e apenas, ao produzido, escoado e comercializado.

cientistas chineses constataram que o vírus foi proveniente de morcegos passado para um outro mamífero e assim infectando o ser humano (Instituto Butantan, 2021). O coronavírus já era um velho conhecido dos cientistas em todo mundo por possuir uma família biológica considerada grande. Contudo, o chamado novo coronavírus, uma família letal do vírus, passou a ser do conhecimento de todos, seja pela fama do mesmo, ou pelo próprio contato. O novo coronavírus possui forma de contágio muito facilitada: salivas expelidas de pessoas infectadas, ou tocar em algo contaminado e levar as mãos aos olhos, nariz e boca.

Diante do caos que o planeta começa a enfrentar, o anseio e desespero por respostas levou a comunidade científica e a população em geral a desconfiar que o vírus teria sido produzido em laboratório pelos chineses. Tal hipótese levou a investigações incessantes e a precoces acusações à China. Contudo, a ideia não foi comprovada, o que não foi o suficiente para que as desconfianças cessassem, havendo ainda especulações de que a potência asiática teria arquitetado o vírus, que assim, diminuiria o valor comercial da maior moeda mundial: o dólar, fazendo com que a China se beneficiasse nas trocas comerciais, já que se situa em uma posição confortável referente a cenário.

Descartada a hipótese de nascimento em laboratório, a teoria que se formou diante de provas como o primeiro caso detectado, o mundo volta os olhos para o mercado de peixes e de animais vivos em Wuhan. A partir de estudos sobre o caso, se chegou na mais aceita conclusão de que por meio de mutações naturais, o vírus se formou em morcegos. Estes, que habitavam o mercado de alimentos (possivelmente pela falta de higiene), contaminou os produtos alimentícios ali presentes, e, que ao serem consumidos pelos humanos, provocou o resultado de que se tem conhecimento hoje. Como resposta ao ocorrido, o mercado ao ar livre foi fechado para inspeção sanitária, começando assim, a onda de desempregos, isolamento, retração da economia e por último e mais importante, contaminações e mortes em massa.

4 AS MUITAS FACETAS DA GLOBALIZAÇÃO

Como foi analisado no início desse artigo, as relações de trocas comerciais e sociais no mundo estão mais intensificadas do que nunca. Tal realidade, assim como qualquer outra, possui seus prós e contras, como a redução dos custos de transportes e das barreiras espaciais para o movimento de bens, pessoas, etc. (HARVEY, 2001) e como consequência disso, a transmissão em tempo real de um vírus, respectivamente. A velocidade da chegada da doença em toda parte do planeta, deixou toda a sociedade perplexa e preocupada pela dificuldade em erradicá-la. Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial de Saúde (OMS), foi alertada sobre inúmeros casos de

uma pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, China. 3 meses depois, em 11 de março de 2020, a OMS declarou a “pneumonia” como uma pandemia, não por sua gravidade, mas pela distribuição geográfica que o vírus atingiu (OMS, 2022).

Diante da catástrofe mundial, muitas falas e questionamentos sobre a veracidade dos benefícios da mundialização surgiram com força, sobretudo no meio acadêmico, fazendo reascender o dito por Berman:

Existe ainda outro aspecto nessa ideia de modernismo como nada além de perturbação: ele implica um modelo ideal de sociedade moderna isento de perturbações. Com isso, põe de lado “o permanente distúrbio das relações sociais, a interminável incerteza e agitação” que ao longo de duzentos anos têm sido os fatos básicos da vida moderna (BERMAN, 1986, p. 33).

As cidades consideradas de médio e pequeno porte, também fizeram parte desse entrelaçamento de relações, nesse caso, maléficas. As notícias de pessoas que transmitiram o vírus para as cidades pequenas, causaram um certo choque à população por sentirem, talvez pela primeira vez, o quão próximo se está milhares de quilômetros graças aos modernos meios de transportes que se localizam em todos os níveis de “desenvolvimento”. Sendo dessa forma, possível que a proliferação do terror do século XXI assolasse toda a parte do mundo. Fazendo assim, com que o dito pelo célebre Milton Santos no início do século se cumprisse: “Jamais houve na história um período em que o medo fosse tão generalizado e alcançasse todas as áreas da nossa vida: medo do desemprego, medo da fome, medo de violência, medo do outro” (SANTOS, 2000, p. 58). O último medo destacado por Santos é uma das principais abordagens seguintes e de certa forma o causador dos demais.

5 O CONFINAMENTO

Com a propagação do vírus e o número considerável de mortes que se fazia diariamente, foi solicitado pelos órgãos competentes de saúde, o confinamento do máximo de pessoas possível em suas casas, sendo permitido apenas a saída daqueles que exercem funções essenciais (trabalham em hospitais, postos de gasolina, etc.). Tal confinamento foi mais conhecido em sua versão em inglês, “lockdown”. Juntamente a isso, o chamado toque de recolher também se fez presente no novo normal da sociedade, sendo usado em estabelecer um horário limite- geralmente até as 21:00 h- para se estar em ambiente público, após isso, era obrigatório a retirada de todos e posteriormente o recolhimento em seus lares para dificultar a propagação do vírus. Quem descumprisse a ordem seria multado ou punido de demais formas de acordo com o mandato legal. Momento este,



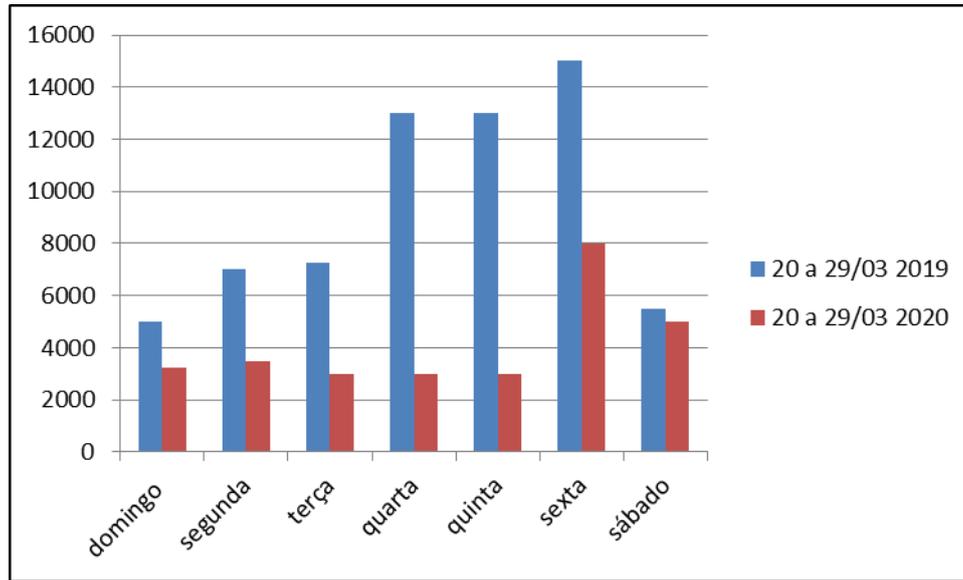
propagado pelos artistas televisivos com hashtag “fique em casa”, com a tentativa de promover a conscientização da população a não saírem de seus lares.

A nova realidade vivenciada por todos, sendo mais latente em países de maior fluxo populacional como China e Estados Unidos, era assustadora já pelo peso do termo. A última vez em que se ouviu falar em confinamento e toque de recolher, foi na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), em que a ameaça de perseguições, invasões e lançamento de bombas, obrigava a população a se trancar em suas casas para se defender. A diferença da situação décadas depois, é que o inimigo é invisível, não se sabe onde ele está, nem mesmo quem está com ele, além de não poder saber o que ele irá provocar. Assim, as formas de contra-ataque também são desconhecidas.

Com a forte letalidade do vírus, as agências de saúde estabeleceram um período de 40 dias para aqueles que estavam infectados poderem se recuperar, esse procedimento ficou conhecido como quarentena. Sendo caracterizado pelo isolamento total do infectado sem qualquer contato com o outro. O que tornou um problema ao passo que por recomendações de precaução, aqueles que não possuíam o vírus também estavam em casa, fazendo com que inevitavelmente tivessem contato e por consequência a contração da doença. O que apontou que nesse período de quarentena, a maior parte das infecções ocorreram em casa (OMS, 2011).

Com a presença de grande parte da população confinada, o consumo de bens reduziu drasticamente, provocando, talvez o único benefício desse período, a diminuição de lançamento de gases prejudiciais à saúde, o que provocou um salto significativo no processo de preservação do planeta. Como exemplo desse progresso, foi analisada a cidade de Curitiba no Paraná, com a emissão de CO_2 analisada pelos anos de 2019 e 2020, sendo este último, o pico de casos confirmados da doença e de mortes (OMS, 2022). Tal pesquisa foi elaborada por Max Anjos, pelo professor Francisco Mendonça e pela aluna Yasmin Forigo da UFPR. Afigura abaixo mostra a redução de emissão de CO_2 , sendo que o dado desse gás se encontra na vertical, e na horizontal os dias da semana.

Figura 1: Demonstração das emissões de Co₂ em toneladas pelos carros em Curitiba-PR nos períodos de 2019 e 2020.



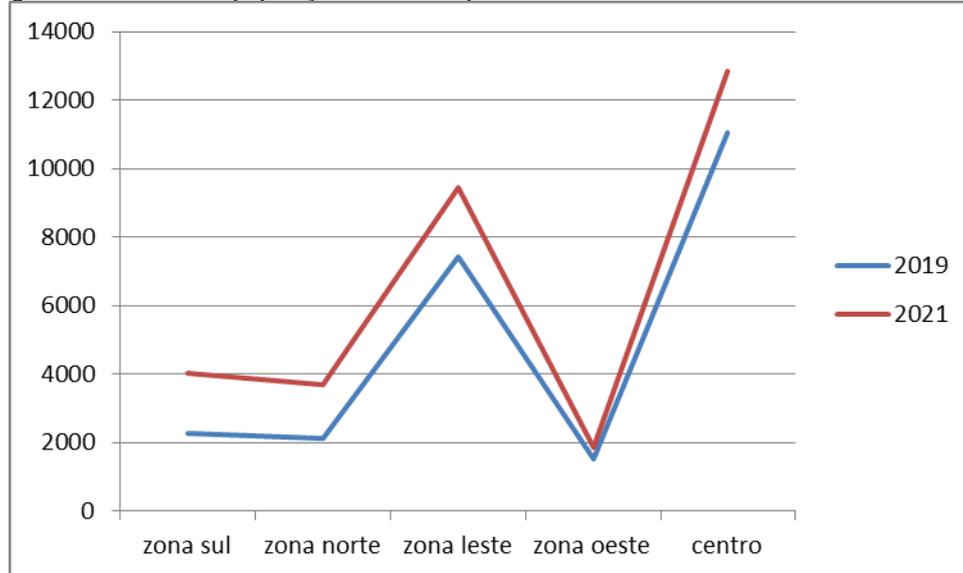
Fonte: Programa internacional de pós-doutorado PRINT/CAPEs, UFPR. Elaborado pela autora, 2022.

Contudo, a presença em massa da população em casa trouxe consigo a redução do consumo e consequentemente o desemprego. A taxa de desempregados alcançou números alarmantes e abria margem para uma crise econômica além de sanitária. De acordo com estimativas, o número de desempregados no Brasil no início de 2021 era de 15 milhões, número que segundo o IBGE, é bem maior que o estimado para a pandemia. Fazendo aumentar assim, o quantitativo de trabalhos informais, sendo estes realizados muitas vezes nas ruas, o que aumentava o risco de contaminação pelo vírus. Além de muitas vezes não se conseguir pagar um plano de saúde- algo essencial nesse momento- pelo fato das pessoas terem perdido seus empregos. O aumento no número de moradores de rua também foi alarmante, ao passo que as condições de pagamento da casa própria ou do aluguel, ficaram inacessíveis.

Aumentando também, os trabalhos informais, sendo aqueles em que o indivíduo não possui direitos trabalhistas, sendo eles mesmos seus próprios chefes, além de não haver salários fixos, pois depende da oportunidade de exercer sua força de trabalho, sendo popularmente conhecidos como trabalho de “bico”. Os serviços informais que mais tiveram alta foram os entregadores, os chamados motoboys. Havendo ainda, aqueles trabalhos informais existentes antes da pandemia e que foram afetados, como os motoristas de aplicativo, ao passo que a circulação de pessoas diminuiu, a demanda por este serviço também. Fazendo crescer ainda, o número de pessoas em situação de rua, que mesmo possuindo um teto, adquirem suas formas de sobrevivência nas ruas, como na venda de doces no semáforo, venda de artesanatos, bugigangas, entre outros. O que é diferente de pessoas moradoras de rua- as quais também tiveram seus números aumentados- pois

significam pessoas que além de tirarem seu sustento nas ruas, também residem nelas. A figura 2 abaixo mostra o aumento de pessoas morando nas ruas na cidade de São Paulo nos anos de 2019 e 2021.

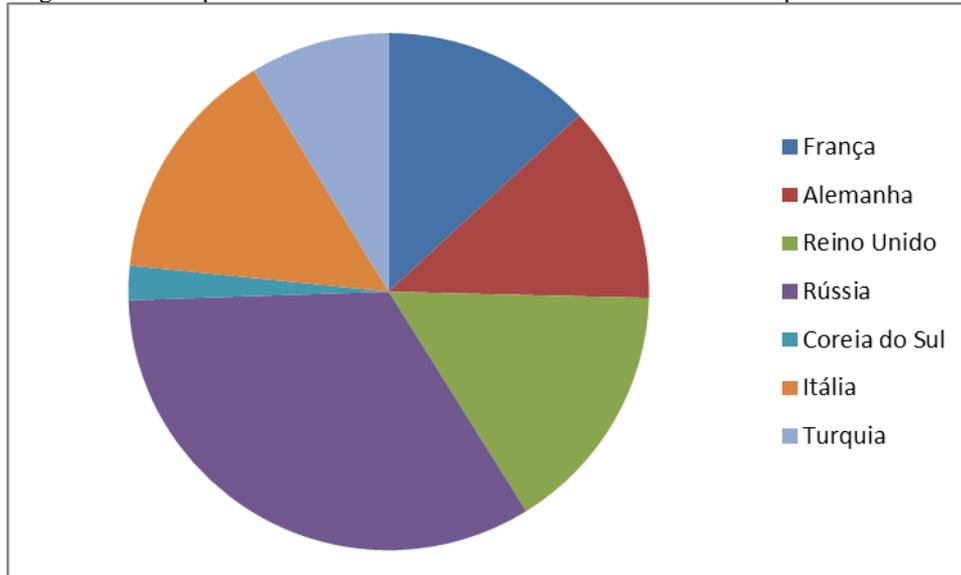
Figura 2: Aumento da população de rua nos períodos de 2019 e 2021 na cidade de São Paulo.



Fonte: UNESP. Elaborado pela autora, 2022.

O cenário que se formava em todo o mundo era assustador: estabelecimentos fechados, ruas vazias, sirenes com barulhos alarmantes avisavam que era hora de retornar para casa, e, o mais temido: o número de mortes cada vez maior. No Brasil, país que ocupa o ranking de 2º país com maior número de mortes, cerca de 670.459, houve dias em que a média no número de mortes ultrapassou a casa dos quatro mil (OMS,2022). Fazendo com que o mundo entrasse em estado de completo perplexidade. Contudo, não havendo o que fazer. Em terceiro lugar em número de mortes está a Índia, com 524.499, e, ocupando o mais alto patamar desse ranking trágico, está a maior potência econômica mundial: ao Estados Unidos, com 1.040.805 mortes por Covid-19. O gráfico abaixo mostra o restante dos países que completam a lista dos 10 maiores em número de mortes.

Figura 3: Países que estão na lista dos 10 maiores em número de morte por coronavírus.



Fonte: OMS. Elaborado pela autora, 2022.

Dentre as muitas anormalidades desencadeadas pelo vírus, o retorno de pessoas para suas cidades no interior e de pequeno porte, se tornou comum, sobretudo desencadeado pelo desemprego. Os custos que a cidade grande promovia como aluguel e demais gastos, ficaram impossíveis de serem quitados pela situação econômica crítica que se formava. A solução que muitos encontraram- diferente daqueles que foram para as ruas- foi o retorno às suas cidades de origem, pois a permanência em casas de parentes e a ajuda mútua entre si, facilitava em promover menos gastos, além de estarem, de certa forma, mais “protegidos” do vírus ao passo que a circulação de pessoas era menor. Sendo grande o número de “brasileiros que um dia foram para as grandes cidades em busca de uma vida melhor estão agora retornando para a sua terra natal, seja pelo aumento do desemprego ou por medo do Covid-19” (G1, 2022).

Entretanto, para conseguir entrada e permanência nessas cidades, era preciso passar por um considerado rígido sistema de monitoramento de temperatura e verificação de sintomas, que incluía além de febre, dor de cabeça, dor no corpo e fadiga. Caso alguém apresentasse algum desses sintomas, era direcionado a um lugar específico sendo monitorado por agentes de saúde pelo período de quinze dias. Após esse período sem apresentar sintomas, o indivíduo era liberado para a circulação em público. Tal precaução também era realizada entre municípios próximos, com a elaboração de tendas nas entradas das cidades em que agentes de saúde prestavam atendimento, sendo este muitas vezes de 24 horas, consistindo em medir temperatura e realizar os encaminhamentos necessários.

6 A NOVA REALIDADE

Como forma de sobreviver a essa nova realidade de grande parte da população, não só do Brasil, mas também no mundo, inúmeras formas de trabalho alternativo foram aderidas por essa parcela da sociedade. O trabalho informal também cresceu no campo, como os serviços manuais nas lavouras e nas pequenas cidades, aumentou consideravelmente o número de babás, empregadas domésticas e costureiras, inclusive de máscara de tecidos, sendo uma mercadoria que passou a ser de grande demanda no cenário em análise. A produção de alimentos caseiros para a venda em casa também se fez presente como forma de ganho econômico.

Enquanto muitos lutam pela conquista financeira, outros lutam pela vida. O número de internados em UTIs e de mortes subia a cada dia em todo o mundo. As ocorrências incessantes por leitos hospitalares, também alavancava fazendo lotar o sistema de saúde principalmente o público. Isso desencadeava além do cansaço físico e mental dos profissionais de saúde, a infecção e morte de muitos deles, provocando um desfalque muito grande na área, ao passo que muitos anseiam por atendimentos e cuidados. Sendo este um tema debatido por estudiosos e cientistas como a professora Carmita Abdo que diz: “Esses desafios impostos pela Covid-19 vêm a se somar a outros quadros emocionais que já acompanham os profissionais de saúde (ABDO, 2020).

Diante de casos que assolava o mundo, rumores de falta de alimentos começavam a surgir. O desemprego e a saída de muitas pessoas da zona urbana e industrial, fez crescer especulações sobre o acesso a alimentos de qualidade e de quantidade para a população. Como consequência de tal incerteza, foi grande a quantidade de pessoas que estocaram alimento em suas casas para o período de aproximadamente 3 meses, como forma de se garantir na escassez que estava por vir. Isso começou a gerar debates e conflitos entre as pessoas principalmente por parte daquelas que não tinham condições de realizar uma compra de alto valor em uma única vez. Estes, por sua vez, alegavam injusta a compra exagerada por parte de muitos, ao passo que os indivíduos menos favorecidos economicamente, iriam passar fome primeiro. Sendo essa, não a única situação de conflitos entre as pessoas nesse período nebuloso.

Com a notícia de que o álcool tanto líquido ralo como em gel combatia o vírus, uma corrida incessante pelo produto nos mais diversos estabelecimentos também atuou com força. As constantes faltas do produto nas prateleiras pela alta em sua demanda, criou tensão e medo ainda maior nas pessoas. Já quando o produto se fazia presente, inúmeros conflitos também eram constantes nos estabelecimentos comerciais. Sendo que muitos desses promoviam limites na quantidade do produto que se podia comprar, porém, em muitos casos não era o suficiente pelos constantes descumprimentos com a norma, gerando assim, mais conflitos. Outro recurso também

recomendado pelas autoridades da saúde, é a lavagem de forma regular das mãos com água e sabão. Mesmo sendo uma alternativa mais barata, muitos indivíduos de diversas partes do mundo não têm acesso à água potável. O que demonstra quão desigual é a distribuição de recursos pelo planeta, sendo este, natural. Situação essa, que se comporta como um objetivo da pandemia: desmascarar as desigualdades que antes estavam camufladas.

Diante dessas desigualdades, a parcela populacional que mais é afetada, é a de rua. A presença constante em meios públicos e o contato com objetos não higienizados, possibilita uma maior vulnerabilidade à essa população além da falta de meios de combate ao vírus. Como resposta a isso, o número de pessoas em situação e moradoras de rua que se infectaram e que não resistiram, foram muito grandes. Cerca de 96 pessoas não resistiram e morreram apenas na cidade de São Paulo (O GLOBO, 2022). Esse cenário, traz à tona a realidade dessa parcela da sociedade que é minoria no quesito de receber direitos, contudo se fazem em um número considerável de pessoas que não possuem teto; sofrem com insegurança alimentar; e não dispõem de formas básicas de higiene.

Em meio ao tenebroso cenário formado, muitas especulações acerca de diversos assuntos se formavam na sociedade, dentre eles, a dúvida se animais domésticos podiam transmitir o vírus. Como a teoria mais aceita a respeito do surgimento do vírus mostra que o mesmo se deu através da transmissão de morcegos para outros mamíferos, a dúvida se cães e gatos podiam transmitir o vírus, circulou com força no meio social. Como resposta a isso, inúmeros criadores resolveram abdicar de seus animais por receio, além de ser proibida a entrada de animais domésticos em vários estabelecimentos. Como resposta aos anseios da sociedade, cientistas e pesquisadores investigaram e chegaram à conclusão de que os bichos podem sim transmitir a doença, porém são casos raros e na grande maioria das vezes os sintomas são leves. Sendo os humanos assim, os maiores transmissores (BBC, 2022).

Com a tentativa de acordar de tal pesadelo, a comunidade científica de todo o mundo se encontrava em uma corrida incessante em busca da resposta que todos desesperadamente ansiavam: a cura. Inúmeros testes de medicamentos e vacinas foram realizados, porém sem sucesso. Muitos negacionistas da ciência e da vacina tentavam promover tratamentos alternativos para a doença como o uso do medicamento hidroxicloroquina. A inclinação pelo medicamento de deveu ao fato do mesmo ser indicado para tratar doenças infecciosas, sendo muito utilizado no surto de malária ocorrido na África anos antes. Pelo fato do coronavírus apresentar características semelhantes à malária, o uso de cloroquina foi muito utilizado no tratamento da Covid, contudo, muitas mortes foram detectadas em virtude do uso de tal medicamento pelo fato de reagir de forma

negativa no organismo humano (FAVC, 2022). Como resposta, a sociedade em estado de desespero e luto pela perda de familiares e amigos, desencadeado pelo uso incorreto do medicamento, realizaram movimentos de revolta e notas de repúdio em suas redes sociais em decorrência dos acontecimentos.

Em virtude da ausência de perspectivas para controlar a situação, além de serem as pessoas os principais transmissores da doença, as visitas e gestos afetivos como beijos e abraços se tornaram proibidos e inconvenientes. A prática considerada comum e prazerosa de visitar os amigos, se tornou algo temido e impossibilitado por algumas pessoas. A questão tomou proporções tão sérias, que a prática de realizar uma visita sem avisar, gerava desconforto, e muitas vezes o término de amizades. Quando, raras vezes, amigos e familiares se encontravam em espaços públicos, a forma de cumprimento eram toques de mãos fechadas, o que dificultava, a transmissão do vírus. A vivência entre pessoas gerada pela nova realidade é temida, assustadora e aparentemente interminável. Suas raízes são profundas e dizem respeito às estruturas do mundo “moderno” analisado no início deste artigo, caracterizada entre tantos outros termos de modernidade líquida, exemplificada por Zygmunt Bauman, em que diz:

A desintegração da rede social, a derrocada das agências efetivas de ação coletiva, é recebida muitas vezes com grande ansiedade e lamentada como “efeito colateral” não previsto da nova leveza e fluidez do poder cada vez mais móvel, escorregadio, evasivo e fugitivo. Mas a desintegração social é tanto uma condição quanto um resultado da nova técnica do poder, que tem como ferramentas principais o desengajamento e a arte da fuga (BAUMAN, 1999, p. 18).

Como alternativa para encarar a nova realidade, a utilização da internet e de seus mecanismos para a realização de tarefas do trabalho e escolar, se fez muito presente na sociedade. Para isso, se viu um crescente aumento na criação de programas, aplicativos, vídeos expositivos, dentre outros mecanismos para melhor atender as necessidades que surgiram. As aulas passaram a ser ministradas de forma online, o que exigiu que estudantes e professores enfrentassem um desafio para se encaixar no funcionamento de tais tecnologias. Desafio ainda maior para aqueles que não detinham internet e/ou computador em casa. Demonstrando mais uma vez as desigualdades sociais que cercam a sociedade. No ramo do trabalho, a tecnologia também se concentrou com força, recebendo o nome de home office, que traduzido quer dizer escritório em casa, sendo uma realidade de muitos trabalhadores.

Diante da crise sanitária formada no mundo, levando à drástica diminuição de postos de emprego, uma crise econômica também se formou. No Brasil, a situação era uma das mais alarmantes. Sendo o segundo país a liderar em números e casos ativos, o governo implantou uma

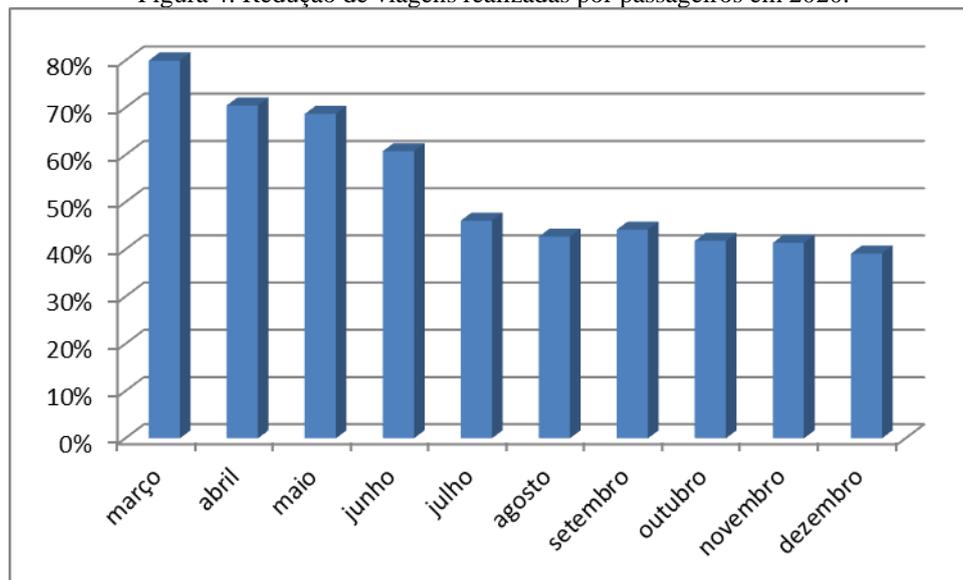


ajuda de custo denominada auxílio emergencial. O auxílio seria destinado para aqueles que não possuíam renda comprovada e para desempregados. Contudo, pela fragilidade do sistema em averiguar as informações das pessoas que realmente necessitava do benefício, inúmeras fraudes foram detectadas de pessoas que não necessitavam e estavam recebendo o auxílio, enquanto isso, inúmeros indivíduos que se encaixavam nas exigências para o recebimento, não o receberam. Segundo investigações da polícia federal, apenas em algumas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, o prejuízo por fraude no auxílio chegou a cerca de 1 milhão de reais (AGÊNCIA BRASIL, 2022).

Inicialmente, essa ajuda de custo se fazia no valor de seiscentos reais por pessoa, havendo famílias que recebiam até 1.600 reais, pelo prazo mínimo de três meses, tendo início em abril de 2020. Contudo, em virtude das dificuldades econômicas que ainda se faziam presentes, o auxílio foi estendido por mais dois meses, período em que o auxílio foi reduzido para 300 reais por pessoa. No início do ano seguinte, tal benefício é anulado e só retorna 3 meses depois no valor de 375 reais em média disponibilizado para um número menor de pessoas. Os períodos em que o auxílio não se fez presente, o país voltou ao mapa da fome novamente, efeito consequência de mais de 2,5% da população enfrentarem falta crônica de alimentos (G1, 2022). Junto à implantação do auxílio emergencial, uma propaganda política também se fez presente no meio social levando ao início de uma polarização daqueles pós e conta ao auxílio, contribuindo para elevar ainda mais os níveis de conflitos sociais, econômicos, ideológicos e sanitários.

Em virtude do Lockdown e das medidas restritivas em todo o mundo, o número de viagens despencou. As agências de turismo tiveram seus piores momentos ao passo que reservas de passagens aéreas e mesmo terrestres, além da rede hoteleira diminuírem consideravelmente. Realidade essa, contribuinte para o aumento de desempregados e consequente responsável pelo resfriamento da economia. O gráfico abaixo mostra a redução de viagens realizadas entre as cidades do Brasil em 2020.

Figura 4: Redução de viagens realizadas por passageiros em 2020.



Fonte: NTU, 2022. Elaborado pela autora, 2022.

7 VACINA: SONHADA E TEMIDA

Com a realização de estudos e testes a todo vapor por parte da ciência em todo o mundo, a vacina para a prevenção da Covid-19 é desenvolvida e distribuída ao mundo (na velocidade proporcional ao desenvolvimento econômico de cada país). O continente europeu intensificou a distribuição de doses em todos os seus países, sendo a Inglaterra o primeiro país a aplicar a dose. O imunizante utilizado foi o fabricado pela parceria entre a farmacêutica estadunidense Pfizer e a empresa de biotecnologia da Alemanha Biontech (G1, 2022).

Como se tratava de uma mercadoria de urgência, necessária e por consequência, cara, as burocracias que cercavam a compra e venda da mesma, favoreceu o aumento de mortes. Burocracias estas, que compreendiam desde o fornecimento, tendo privilégio os países que detinham o maior poder aquisitivo, até a distribuição dos lotes nos mais diversos pontos de saúde, impedindo que a parcela populacional que realmente necessitasse tivesse acesso. Havendo ainda, o receio por parte da comunidade internacional em tomar a vacina fabricada na China, ao passo que rumores alertavam sobre a presença do próprio vírus na vacina, o que iria promover uma infecção em massa. O objetivo da China em tal atitude não foi apresentado, pelo menos de forma clara.

Com os diversos estudos a respeito da vacina em todo o mundo, a eficácia em cada uma delas não era a mesma. Havendo aquelas que eram necessárias duas doses para a imunização, como a Pfizer de origem estadunidense que após a segunda dose possui eficácia de 95% sete dias depois; a Oxford/AstraZeneca que possui eficácia de 63,09% após a segunda dose; a Coronavac, de origem brasileira, com 62,3% em média de eficácia; havendo ainda a Janssen, que se utiliza de



apenas uma dose, possui cerca de 85% de eficácia após 28 dias da aplicação (BUTANTAN, 2022). Assim, disputas e conflitos advindas da população em se adquirir o imunizante da vacina mais eficaz, se fizeram com constância em todo o Brasil. Grupos em redes sociais dos adeptos à vacina Pfizer se mobilizaram, consistindo em não aderir a outras vacinas, desencadeando em menos prevenção e mais infecção. Diante do exposto, as secretarias estaduais e municipais de saúde adotaram a norma de pesar as punições daqueles que não tomaram a vacina, como a não permissão de entradas em locais fechados, além de serem impossibilitados de viajar, o que provocou um esfriamento em tais movimentos por negação de tipos específicos de vacina.

Contudo, enquanto haviam aqueles que se negavam a certas vacinas, outros eram completamente contra a qualquer imunizante, os denominados negacionistas. Estes possuíam a argumentação de que as doses eram compostas por substâncias que iriam agir de forma negativa no organismo provocando efeitos colaterais irreversíveis, ou mesmo a morte. Tal discurso ganhou força com alguns casos de efeitos colaterais em algumas pessoas após tomar a vacina, e o pensar que tal efeito fosse generalizado, foi aderido por muitos. Por estes indivíduos, a prevenção do vírus consistia em um medicamento chamado hidroxicloroquina, indicado para tratar viroses semelhantes ao vírus atual, mas que não possui sua eficácia comprovada, pelo contrário, em casos graves de covid, a cloroquina pode reagir levando o indivíduo a óbito. Essa ideologia negacionista, foi sustentada pelo governo brasileiro que possui um viés contrário ao da ciência e promove ideias contrárias à verdade. Porém, graças a inúmeros estudos sobre o caso, foi comprovado que o medicamento não é indicado no tratamento do vírus, o que fez essa ideologia de negação à ciência decair consideravelmente.

Mesmo com o entendimento de que a vacina é a solução para o problema, o acesso a ela ainda continua muito lento e restrito. Ainda que as agências de saúde trabalhassem incessantemente na fabricação das doses, a demanda era muito grande, além da necessidade de duas doses na maioria dos casos, o que demorava ainda mais ao acesso da população, havendo também a questão do tamanho territorial e quantidade populacional nos países, dificultando ainda mais o processo de distribuição. O caso mais crítico de acesso à vacina é o continente africano, ao passo que a escassez de recursos e desvalorização histórica em tal região, contribuiu para os grandes números de pessoas que ainda não chegaram a tomar a primeira dose, sendo que apenas 11% da população adulta do continente está vacinada com a segunda dose (ONU NEWS, 2022). O atraso da chegada da vacina, fez-se com que muitas vidas fossem perdidas.

Vacina essa, que além de necessária para salvar vidas, era essencial para que a rotina aos poucos voltasse ao normal, ao passo que para ter acesso a inúmeras atividades na sociedade, era



necessária a comprovação das duas doses (ou dose única, quando fosse o caso). Dessa forma, aqueles que se negassem a tomar os imunizantes, eram proibidos de acessar locais fechados; universidades; não poderiam também acessar seus locais de trabalho, sobretudo se esses fossem de origem Estatal, acarretando assim, em demissões por justa causa ao passo que a imunização era considerada obrigatória.

Com o acesso às vacinas, mesmo que de forma gradual, se via uma porcentagem considerável de estabelecimentos que começavam a abrir suas portas. As escolas começavam de forma timidamente suas aulas presenciais com todo cuidado e precaução; os empregos que estavam provisoriamente em home office voltaram de forma presencial; bares e restaurantes que haviam fechado suas portas, achando ser de forma definitiva, recomeçaram abrindo-as e contratando funcionários; agências de viagens são autorizadas (dentro do rigor sanitário) a reabrir suas portas e promover viagens nacionais e internacionais. Assim, uma luz no fim do túnel era avistada com todos esses acontecimentos, promovendo esperança em meio a destroços. Contudo, o vírus ainda circulava com intensidade no meio, sendo permitido que apenas atividades essenciais, como visto acima, voltassem ao normal. Isso levou a certas insatisfações por parte de alguns, ao passo que se queria realizar eventos não essenciais como festas representativas, entre elas o São João e o carnaval, no caso do Brasil. Alegando que, se algumas atividades e estabelecimentos voltaram a funcionar, tais eventos também deveriam ao passo que fazem parte da identidade do país. Entretanto, foi posto pelas autoridades de saúde que esses eventos compreendendo grande aglomeração de pessoas, só poderiam ocorrer se a maioria da população estivesse vacinada com a primeira dose de reforço, ou a terceira dose (sendo essa ainda em fase de teste). Ao passo que primeiramente deve-se priorizar a vida e os serviços essenciais.

Ordenamento este, que não foi obedecido à risca por grande parte da população, sendo necessário que em muitos casos a polícia fosse acionada para barrar festas que detinham muitas pessoas e indivíduos que saíam às ruas após o horário estabelecido pelo toque de recolher. Essa situação, não permite esquecer a realidade caótica e insegura que a sociedade vivia. As denúncias mais frequentes de descumprimento com as normas sanitárias eram os bailes funks em São Paulo; o número de pessoas maior que o permitido em bares e restaurantes; e a presença de pessoas em locais públicos ou privados em horário não permitido, o que dava oportunidade de maior proliferação do vírus. Cenário este, fazendo com que se tornasse impossível esquecer o que estava acontecendo, mesmo que a volta de alguns serviços, tentassem isso.



8 O LIMITADO RETORNO

Dentre os estabelecimentos que fecharam suas portas, aquele que teve um dos maiores prejuízos foram as escolas. O déficit de aprendizado dos alunos foi gritante, pois várias questões estavam envolvidas: a dificuldade dos pais em conciliar trabalho (que também passaram a ser em casa), tarefas domésticas e ainda auxiliar os filhos nas demandas escolares, forma bastante complicadas. O ensino online não chega aos pés do ofertado presencialmente, tanto pela limitação de recursos como pela facilidade que as crianças tem de se dispersarem, contribuíram muito para essa dificuldade de aprendizado. A notícia de retorno das aulas de forma presencial, acarretou medo, mas o sentimento de descanso também se fez presente. Retorno esse, que se fez de forma muito restrita e limitada, compreendendo uso ininterrupto de máscaras, utilização de álcool em gel e distanciamento de do mínimo um metro entre as pessoas. Para isso, as salas de aula tiveram que se adaptar para a nova realidade, comportando apenas metade dos alunos que caberiam na sala, a outra metade continuou no formato online para pais e responsáveis que não se sentiam confortáveis em mandarem seus filhos para a escola. Nas universidades o cenário não foi diferente. Após enfrentar um longo processo de aulas remotas, as atividades presenciais retornam com inúmeras medidas restritivas, dentre elas estão o uso obrigatório de máscaras, o distanciamento social e o comprovante vacinal.

Esse retorno, por mais que acompanhado de medidas restritivas, trouxe consigo variantes da doença. O contato entre pessoas vacinadas e não vacinadas, desencadeou uma mutação de Covid-19 provocando variantes em muitos casos mais resistentes e com maior capacidade de transmissão. Dentre as variantes, se tem a chamada Delta, que foi detectada primeiramente na Índia, mas logo se alastrou pelo mundo; outra variante é a Omicron, tendo sua gênese na África do Sul, classificada como uma variante de preocupação (CNN,2022). Essas mutações fizeram aumentar ainda mais as tensões mundiais e restringir as viagens, abalando o mercado financeiro. Para os negacionistas, essas variantes não passavam de efeitos colaterais da vacina. Uma outra variante foi a Alfa, identificada pela primeira vez no Reino Unido, sendo altamente transmissível e presente em mais de 80 países (CNN, 2022). Dentre outras variantes com menor poder de transmissão, se tem a Gama e a Um, ambas identificadas em partes distintas do mundo.

9 AS DOSES DE REFORÇO E SEUS FEITOS

Com a urgência de retomar o cotidiano e a necessidade de maior segurança, as comunidades sanitárias de todo o mundo a partir de muito empenho, desenvolveram a terceira dose da vacina, proporcionando assim, um maior conforto para as pessoas e segurança de circulação.



Pois, os números de infecção, internamentos e mortes diminuíram consideravelmente. O tempo mínimo para se tomar a terceira dose, variava a depender de qual vacina se tomou na segunda dose, em média quatro meses. Mais tarde, foi aprovada a quarta e quinta dose, ampliando ainda mais a flexibilização na sociedade como a não obrigatoriedade de máscaras em locais abertos e em alguns locais fechados. Além disso, eventos com quantidade ilimitada de pessoas voltaram a ser permitidos.

Tais aberturas de circulação na sociedade, entretanto, promoveu uma maior circulação do vírus que ainda existia, mesmo que as pessoas quisessem mostrar o contrário. Ainda que a maior parte da população estivesse vacinada, uma outra grande parcela não estava, o que fez propagar a doença com mais velocidade e intensidade pelo fato da presença de variantes muitas vezes mais letais que a Covid-19. Cenário este, que ficou conhecido como segunda onda do coronavírus. Onda essa, que provocou uma quantidade maior de óbitos se comparada com a primeira. Ao passo que nessa, foram registrados 133.379 casos confirmados em 232 dias; já na segunda houve 100.875 novos casos em 99 dias no Brasil (UFPB,2022).

Como resposta aos novos casos de infecções e mortes em todo o mundo, as medidas restritivas também voltaram a fazer parte do cotidiano dos cidadãos. O uso obrigatório de máscaras em locais fechados volta a valer, além de comprovante vacinal de 3 doses no mínimo para se ter acesso a esses ambientes. E assim como toda ação possui uma reação, como resposta à volta de prevenções, foi perceptível que pouco meses mais tarde, o número de infecções e de mortes diminuíram bastante. Sendo visto novamente que as medidas de combate novamente voltaram a diminuir os casos ativos da doença. Razão essa, segundo estudiosos, pela eficácia da vacina.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As consequências que ficaram no mundo todo a respeito da pandemia foram muitas. Compreendendo desde o “descobrimento” de desigualdades sociais alarmantes ao redor do planeta, até conflitos ideológicos referentes à necessidade ou não de máscaras até hoje. Essa última, foi responsável por conflitos físicos que desencadearam em término de amizades e discussões familiares. As pessoas até o final de 2019 não imaginariam que um vírus de origem que ainda causa especulações, surgido no interior da China iria causar a morte delas ou a de parentes. Nem mesmo os que sobreviveram não imaginavam que passariam a integrar o conjunto daqueles que obtiveram empregos que só passaram a existir a partir da pandemia, como escritórios em casa que antes só possuíam a modalidade presencial.



Ainda hoje existem pessoas que não conseguiram encarar a realidade de volta (se é que é a mesma) pelo pavor de sair de casa, sendo grande o número de pessoas que ainda vivem confinadas em casa sem a luz do sol. Pessoas que desenvolveram doenças crônicas como ansiedade e depressão. Revelando não haver apenas mudanças no meio físico da sociedade como diminuição das emissões de Co2, mas também, e sobretudo, mudanças internas e pessoais que são ainda piores pelo fato de ser os indivíduos, em ações individuais e coletivas que constroem a sociedade. Se estes indivíduos não vão bem, as sociedades também não.



REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Polícia Federal investiga fraudes no auxílio emergencial.** Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-03/policia-federal-investiga-fraudes-no-auxilio-emergencial>. Acesso em: 03 outubro de 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BBC. COVID: **Animais de estimação podem pegar e transmitir o coronavírus?** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional62225094#:~:text=A%20resposta%20%C3%A9%20sim%2C%20e,ser%20bem%20mais%20leve%20neles>. Acesso em: 30 setembro de 2022.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar.** Portugal: Companhia das letras, 1986.

FAVC. **Mas afinal, para que servem a cloroquina e a hidroxicloroquina.** Disponível em: <https://fcmsantacasasp.edu.br/mas-afinal-para-que-servem-a-cloroquina-e-a-hidroxicloroquina/>. Acesso em: 30 de setembro de 2022.

G1. **Brasil volta ao mapa da fome das nações unidas.** Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/06/brasil-volta-ao-mapa-da-fome-das-nacoes-unidas.ghtml>. Acesso em: 03 de outubro de 2022.

G1. **Migrantes deixam cidades grandes e retornam à terra natal com pandemia do coronavírus.** Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/globo-rural/noticia/2020/06/21/migrantes-deixam-cidades-grandes-e-retornam-a-terra-natal-com-pandemia-do-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 29 de setembro de 2022.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço.** São Paulo: Annablume. 2005.

INSTITUTO BUTANTAN. **Como surgiu o novo coronavírus conheça as teorias mais aceitas sobre sua origem.** Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/como-surgiu-o-novo-coronavirus-conheca-as-teorias-mais-aceitas-sobre-sua-origem>. Acesso em: 29 de setembro de 2022.

IPQHC. **Sobrecarga e riscos pioram saúde mental de médicos e enfermeiros na pandemia.** Disponível em: <https://ipqhc.org.br/2020/05/07/sobrecarga-e-riscos-pioram-saude-mental-de-medicos-e-enfermeiros-a-pandemia/>. Acesso em: 29 de setembro de 2022.

JORNAL DA UNESP. **Número de moradores em situação de rua aumenta em até 6 vezes em periferias de SP.** Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2022/07/01/numero-de-moradores-em-situacao-de-rua-aumenta-ate-6-vezes-em-periferias-de-sp/>. Acesso em: 26 de setembro de 2022.

NTU. **Pandemia causa prejuízo de 9,5 bi ao transporte coletivo urbano em 2020.** Disponível em: <https://www.ntu.org.br/novo/NoticiaCompleta.aspx?idArea=10&idNoticia=1460>. Acesso em: 08 de outubro de 2022.

O ECO. **Redução da poluição no ar durante a pandemia convida à mudança de comportamento social.** Disponível em: <https://oeco.org.br/reportagens/reducao-da-poluicao-no>



ar-durante-pandemia-convida-a-mudanca-de-comportamento-social/. Acesso em: 26 de setembro de 2022.

O GLOBO SAÚDE. **Número de moradores de rua mortos por covid-19 em SP é quase o dobro do divulgado pela prefeitura.** Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/numero-de-moradores-de-rua-mortos-por-covid-19-em-sp-quase-dobro-do-divulgado-pela-prefeitura-25351709>. Acesso em: 30 de setembro de 2022.

ONU NEWS. **OMS: África está no caminho para controlar a Covid-19 em 2022.** Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2022/02/1779432>. Acesso em: 08 de outubro de 2022.

SANTANA, Mário Rubem Costa. **As redes técnicas e a cidade Salvador no início do século XXI.** Vitória da Conquista: Edições Uesb. 2013.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização.** Rio de Janeiro: Record. 2001.

UFPB.br. Covid-19: **Pesquisa da UFPB revela dados sobre a segunda onda da Paraíba.** Disponível em: <https://www.ufpb.br/ufpb/contents/noticias/covid-19-pesquisa-da-ufpb-revela-dados-sobre-a-segunda-onda-na-paraiba>. Acesso em: 13 de outubro de 2022.

VEJA. IBGE: **Desemprego durante a pandemia foi maior o estimado.** Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/ibge-desemprego-durante-a-pandemia-foi-maior-que-o-estimado/>. Acesso em: 26 de setembro de 2022.